

# Psicanálise ou Psicoterapia Psicanalítica?

Letícia Gasparetto leticiagasparetto@yahoo.com.br

Milena da Rosa Silva (Orientadora)

## Introdução

Diante da falta de clareza a respeito do conceito de psicoterapia psicanalítica e dos seus limites e intersecções em relação à técnica psicanalítica clássica, buscou-se traçar um panorama das discussões que averiguam as diferenças entre a psicoterapia psicanalítica e a psicanálise *standard*. Utilizou-se para isso uma revisão da literatura acerca desta temática.

Este estudo faz parte de um projeto maior intitulado “A resistência no início do tratamento – estudo do processo da psicoterapia psicanalítica”.

## Objetivos

Apresentar um panorama dos trabalhos teóricos e empíricos que buscam definir as características da psicoterapia psicanalítica e suas possíveis diferenças e semelhanças em comparação com a psicanálise *standard*.

## Metodologia

Foi utilizada uma revisão da literatura acerca desta temática, através de busca nos bancos de resumos PsycInfo e Medline, utilizando-se os termos: *psychoanalytic psychotherapy*, *psychoanalysis*, dentre outros. A pesquisa incluiu resumos publicados até 2010, cujo artigo completo encontrava-se disponível no Brasil ou na internet. Também utilizou-se a busca por livros (disponíveis) que abordavam esta temática

## Análise dos dados

### Contexto histórico

O fenômeno responsável pelo surgimento da psicoterapia psicanalítica, segundo Wallerstein (2005), se refere à fuga de psicanalistas europeus refugiados do nazismo para a América. Neste local, a psicanálise tornou-se a voz dominante nas faculdades de medicina, hospitais-escola e clínicas psiquiátricas, onde havia pacientes mais gravemente doentes, que diferiam dos neuróticos dos centros psicanalíticos europeus. E foi pela necessidade dessa adaptação que os psicanalistas tiveram que desenvolver modificações nas suas intervenções a fim de que estas pudessem se adequar às exigências clínicas de uma mais ampla gama de pacientes (Eisold, 2005; Wallerstein, 2005).

Nos anos de 1952 a 1954, foram realizados diversos debates na Associação Psicanalítica Americana na tentativa de definir as diferenças e semelhanças entre psicoterapia psicanalítica e psicanálise (Schwartz, 2003; Wallerstein, 2005). Esses encontros ficaram conhecidos como “*The Great Debate*” (Schwartz, 2003) e neles postulou-se uma nítida distinção entre ambas as formas de tratamento.

Uma importante pesquisa liderada por Wallerstein deu prosseguimento a estas discussões. Denominada “Projeto de Investigação sobre Psicoterapia na Fundação Menninger” e publicada em 1986, esta publicação argumenta que os resultados alcançáveis pela psicoterapia de orientação analítica e pela psicanálise seriam muito próximos e que são bem menores as distinções entre os dois métodos do se pensava até então (Wallerstein, 1989).

### Psicoterapia psicanalítica e psicanálise

Autores como Wallerstein (1989), Sechaud (2000), Widlöcker (2010) e Kächele (2010) acreditam na indiferenciação entre psicanálise e psicoterapia psicanalítica, vendo-as como pólos de um mesmo continuum que pode oscilar de um extremo a outro dentro de um mesmo tratamento.

De modo ainda mais radical, Aisenstein (2001) defendeu a não existência da psicoterapia psicanalítica. Para ela, se uma técnica é baseada nos princípios psicanalíticos, ela será sempre psicanálise.

### Psicoterapia psicanalítica ou psicanálise

Autores como Gibeault (2002) e Kernberg (2001/2003) afirmaram que na psicoterapia psicanalítica, o princípio da técnica tenderia a ser o mesmo que o da psicanálise, mas com mudanças quantitativas que, em sua mútua combinação, resultariam em uma mudança qualitativa na essência do tratamento. Tais mudanças se refeririam a fatores extrínsecos (como número de sessões, uso do divã) ou intrínsecos (como os objetivos, profundidade e indicações do tratamento).

#### Fatores Extrínsecos (Gill, 1954)

Gibeault (2002) argumenta que utilizar fatores extrínsecos como tempo, número de sessões, divã ou face a face para fazer a distinção entre psicanálise e psicoterapia psicanalítica não é um bom caminho. Zimerman (1999) destacou as especificidades do funcionamento de cada paciente, afirmando que, eventualmente, pacientes atendidos em uma ou duas sessões semanais podem constituir um verdadeiro processo analítico, enquanto outros que cumprem todas as costumeiras combinações de uma análise *standard* podem estar fazendo uma “psicoterapia deitada durante quatro vezes por semana” (1999, p. 35).

Ao contrário de Gibeault (2002), Eisold (2005) e Zimerman (1999), Allison (1994) e Busch (2010) consideram importante o número de sessões na diferenciação entre psicoterapia e psicanálise.

#### Fatores Intrínsecos

Gibeault (2002) e Miodownik (1998) afirmam que a psicanálise envolveria a possibilidade de uma reorganização fundamental estrutural por meio de que os conflitos reprimidos poderiam ser integrados dentro do ego consciente. Já na psicoterapia psicanalítica, se faria uma reorganização parcial da estrutura psíquica no contexto de significantes mudanças sintomáticas.

Kernberg (2001/2003) se opõe a esta idéia, pois sugere que os objetivos diferenciados nos tratamentos não são suficientes para distinguir uma modalidade da outra, mas sim a tradução desses objetivos nas técnicas é que distingue os tratamentos.

#### Indicação Terapêutica

De acordo Miodownik (1998) e Cassorla (2003), a indicação de psicoterapia psicanalítica pode ser mais específica para pacientes *borderline* e psicóticos com desintegração da identidade e tendência à ação exacerbada. Ela seria indicada nos casos em que é necessário um fortalecimento das funções egóicas e da maneira de lidar com a realidade. A psicanálise seria indicada, portanto, para pacientes em que predomina o funcionamento “não-psicótico”.

#### Fatores subjetivos

A necessidade de diferenciar as duas técnicas poderia, de acordo com Miodownik (1998), ter um fundo muito mais subjetivo do que baseado em dados científicos: “Quando se fala em psicanálise, em comparação com a psicoterapia psicanalítica, muitas vezes podemos observar uma questão de juízo de valor quanto a um trabalho ser melhor ou pior que outro, mais profundo ou mais superficial, maior ou menor (ouro ou cobre), com importantes reflexos na identidade profissional” (1998b, p. 868).

## Conclusão

A partir deste trabalho, foi possível perceber quão complexo e amplo é este debate, sendo ainda bastante difícil chegar a uma conclusão sobre os limites, pontos de divergência e convergência entre essas práticas terapêuticas. Assim, é fundamental acompanhar as discussões sobre esta temática, buscando contornos que possam dar suporte ao trabalho e à formação em tais abordagens.

## Referências

Aisenstein M (2001). Psychoanalytic psychotherapy does not exist. In: Frisch S, Hinshelwood, RD, Gauthier JM, editors, *Psychoanalysis and psychotherapy*, p. 19–31; Allison, G. H. (1994). On the homogenization of psychoanalysis and psychoanalytic psychotherapy: a review of some of the issues. In: *The American journal of psychoanalysis*. Vol. 42:341-362; Bush, F. (2010). Distinguishing Psychoanalysis from Psychotherapy. In: *The international journal of psychoanalysis*. Vol. 91:23-34; Cassorla, R.M.S. (2003). Procedimentos, colocação em cena da dupla (“Enactment”) e validação clínica em psicoterapia psicanalítica e psicanálise. In: *Revista de Psiquiatria*; Eisold, K. (2005). Psychoanalysis and psychotherapy: a long and trouble relationship. In: *International journal of psychoanalysis*. Vol. 86: 1175-1195; Gibeault, A. (2002). *The analytic process in psychoanalysis and psychotherapy: from the interpersonal to the intrapsychic level*. In: *Journal of analytical psychology*. Vol. 47: 143-162; Kächele, H. (2010). Distinguishing Psychoanalysis from Psychotherapy. *The international journal of psychoanalysis*, 91, 35-43; Kernberg, O.F (2001). Psicanálise, Psicoterapia Psicanalítica e psicoterapia de apoio: controvérsias contemporâneas. In: A. Green [org.] (2003). *Psicanálise Contemporânea*. Pg.23-50. Rio de Janeiro: Imago; Miodownik, B. (1998). Psicanálise e psicoterapia: o vértice do psicanalista. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*. Vol. 32 (4): 865-884; Schwartz, C. (2003). A brief discourse on psychotherapy and psychoanalysis: Historical perspective. *Psychoanalytic Review*, 90 (2), 153-177; Sechaud, E. (2000). Affective self-disclosure by the analyst. *International Journal of Psychoanalysis*, Vol. 81(1), 164-165; Wallerstein, R. (1989). Psicoanálisis y psicoterapia: una perspectiva histórica. In: *Libro Anual de Psicoanálisis*. pg. 324; Wallerstein R. (2005). Psicanálise e psicoterapia de orientação analítica: Raízes históricas e situação atual. In: Eizirik CL, Aguiar RW, Schestasky SS, editors. *Psicoterapia de orientação psicanalítica: Fundamentos teóricos e clínicos*. pg. 43–57. Porto Alegre: Artmed; Widlöcker, D. (2010). Distinguishing Psychoanalysis from Psychotherapy. In: *The international journal of psychoanalysis*. Vol. 91: 45-50; Zimerman, D. E. (1999). Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 478 p; Zimmermann, D. (1980). A influência da teoria e da prática de psicoterapia sobre a formação psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Vol. 14. pg 31